

POR UMA *EPISTÉME* MEDIACIONAL NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

FOR A MEDIATIONAL EPISTEMIC IN INFORMATION SCIENCE

Jefferson Veras Nunes
jefferson.veras@yahoo.com.br

Lídia Eugênia Cavalcante
cavalcantelidiaeugenia@gmail.com

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Resumo: Valendo-se de uma abordagem teórico-conceitual, este estudo tem como objetivo discutir o conceito de mediação sob diferentes olhares, de modo a apontar a existência de uma *epistème* mediacional na Ciência da Informação (CI). Parte-se do pressuposto de que a mediação colabora diretamente para uma reorientação da agenda de pesquisa do campo, ao possibilitar a composição de bases teóricas pelas quais se pode abordar não só as condições materiais e técnicas que perpassam a natureza da informação, mas, também, o seu caráter social. Assim, tendo como eixo o pressuposto apontado acima, discute-se o conceito de mediação e o modo como a Ciência da Informação tem definido o termo, onde são apresentados aspectos da área que o enfocam a partir das expressões *mediação da informação* e *mediação cultural* e a sua inserção nas Ciências Sociais. Nesse contexto, a pesquisa em foco visitou o Diretório de Grupos de Pesquisa, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com o intuito de identificar os grupos de pesquisa nos quais a palavra mediação consta diretamente em suas nomeações. A existência de uma significativa variedade de grupos e linhas de pesquisa voltados ao estudo da mediação revela uma inserção cada vez maior da temática no campo, levando a observar, ainda, que, através das pesquisas realizadas em torno dela, está a se constituir uma espécie de paradigma por meio do qual agregam-se pesquisadores interessados no tema, ampliando o foco e a complexidade do debate teórico-conceitual na área.

Palavras-Chave: Mediação da Informação; Mediação Cultural; Paradigma Mediacional; *Epistème* Mediacional.

Abstract: Using a theoretical-conceptual approach, this study aims to discuss the concept of mediation under different perspectives, in order to point out the existence of a mediational epistemic in Information Science (IS). It is assumed that mediation contributes directly to a reorientation of the research agenda of the field, by allowing the composition of theoretical bases by which one can approach not only the material and technical conditions that per pass the nature of the information, but also, its social character. Thus, taking as its axis the assumption mentioned above, we discuss the concept of mediation and the way Information Science has defined the term, where aspects of the area that focus on the expressions mediation of information and cultural mediation are presented. Their insertion in the Social Sciences. In this context, the research in focus visited the Directory of Groups of Research of the National Council of Scientific and Technological Development (CNPq), in order to identify the research groups in which the word mediation appears directly in their appointments. The existence of a significant variety of groups and lines of research aimed at the study of mediation reveals a growing insertion of the theme in the field, leading to the observation that, through the research conducted around it, of paradigm through which are added researchers

interested in the subject, increasing the focus and complexity of the theoretical-conceptual debate in the area.

Keywords: Information Mediation; Cultural Mediation; Mediation Paradigm. Mediation Epistemic.

1 INTRODUÇÃO

O pressuposto desta pesquisa é a ideia de que a mediação se situa naqueles quadros da Ciência da Informação (CI) que defendem, em primeiro lugar, uma natureza interdisciplinar para a área; e, em segundo, uma abordagem sociocultural de seu objeto, considerando os diversos contextos nos quais os indivíduos estão inseridos como algo imprescindível ao estudo da informação.

Desse modo, a mediação colabora diretamente para uma reorientação da agenda de pesquisa da CI ao possibilitar a composição de bases teóricas pelas quais se pode abordar não só as condições materiais e técnicas que perpassam a natureza da informação, mas, também, o seu caráter social, diante da compreensão de que a própria informação não tem existência exterior, fora da sociedade e da cultura na qual ela está inserida. Tal panorama auxilia a demonstrar singularidades das questões informacionais, permitindo abordá-las desde suas condições de produção, recepção e apropriação pelos indivíduos.

Assim, tendo como base o pressuposto apontado acima, trata-se, neste texto, o conceito de mediação no âmbito da CI, onde são discutidos aspectos da área que o enfocam a partir das expressões *mediação da informação* e *mediação cultural*. Ao ser conjugada à informação e à cultura, a mediação dota o objeto de estudo da CI de maior complexidade, possibilitando, dentre outras coisas, diferentes perspectivas para o próprio conceito de informação, permitindo compreendê-lo por meio de arranjos sociais, técnicos e culturais, ou seja, para além do dualismo que caracteriza a relação – já debatida em outros momentos – entre materialidade e imaterialidade do conceito de informação.

As expressões *mediação da informação* e *mediação cultural* costumam ser utilizadas em variados contextos, sendo, muitas vezes, empregadas como sinônimos. Um significado recorrente para o termo mediação remete à concepção de algo ou alguém que age enquanto intermediário, elo ou simplesmente ponte. Imagem que não reflete os atuais ecos das pesquisas realizadas sobre a temática na área, que a tem concebido numa feição processual, entendendo-a como movimento. Dessa forma, atualmente, na CI, a mediação está mais

vinculada à apropriação – logo, à mudança – do que à recepção ou mero consumo de informações e bens culturais.

Diante disso, o principal objetivo deste estudo é apontar a existência de uma *epistème* mediacional na Ciência da Informação. Em outras palavras, cabe, aqui, perceber a composição de um paradigma cada vez mais voltado aos estudos da mediação, especialmente no modo como a área tem se configurado no Brasil, o que pode ser percebido, por exemplo, a partir do número significativo de grupos de pesquisa que carregam o termo em suas nomeações, ou mesmo por meio da recidivante reivindicação discursiva em favor da constituição de uma CI firmada no terreno das Ciências Sociais.

2 A MEDIAÇÃO ENTRE O IDEALISMO E A DIALÉTICA

A ordenação dos discursos, assim como o lugar que o conhecimento ocupa em suas distintas manifestações no interior de uma mesma disciplina científica, já se encontraram no rol das questões analisadas por autores como Michel Foucault. Um importante conceito que pode ser encontrado na obra desse autor acerca da relação entre o saber e o poder é o de *epistème*. Grosso modo, a noção de *epistème* liga-se ao conceito de paradigma defendido por Thomas Kuhn, todavia, posiciona-se como um contraponto a este, pelo menos na perspectiva adotada por Michel Foucault em “As palavras e as coisas” (2000), assim como em sua aula inaugural no *Collège de France*, publicada sob o título de “A ordem do discurso” (1999).

Epistème diz respeito não apenas ao modelo de pensamento que assinala o desenvolvimento de uma ciência, mas, também, às relações de força que existem em seu interior para legitimar (ou desqualificar) saberes acerca daquilo que esta ou aquela disciplina define para si enquanto objeto. Portanto, cabe à *epistème*, numa dada área, e em determinada época, enunciar o modo de ser dos objetos que nela aparecem (MACHADO, 1982). Assim, mais adequada do que a realização de uma epistemologia da ciência seria o empreendimento de uma arqueologia, justamente porque a preocupação não deve residir sobre a ciência em si, e sim naqueles saberes produzidos por ela, ou, pelo menos, por seus polos dominantes. Tais polos são responsáveis por conceituar uma área a partir do que ela é, atuando em criticar aquilo que entendem do que ela não pode se

Uma das características das ciências contemporâneas diz respeito ao fato de suas fronteiras disciplinares estarem um tanto menos rígidas, possibilitando uma aproximação maior entre áreas distintas. Diz-se, com frequência, que a Ciência da Informação é interdisciplinar. Contudo, esta interdisciplinaridade não é ampla e irrestrita. Ao defender sua relação com outras áreas, determinadas disciplinas são evocadas, selecionadas e disponibilizadas como correlatas. A justificativa comum para isso é a possibilidade dessas disciplinas contribuírem com o objeto de estudo da CI.

Não se pode afirmar que o conceito de mediação pertence especificamente a uma disciplina, mas, sim, a várias, principalmente no campo das chamadas “ciências do espírito”. Nesse sentido, operam com ele diferentes áreas das Ciências Sociais e Humanas, a exemplo da Comunicação, Filosofia, Psicologia, História, Educação, Arte e, como não poderia faltar, a própria Ciência da Informação. Cada qual detém entendimentos particulares acerca do que pode ser considerado como mediação, elegendo teorias que ora se entrecruzam, ora se distanciam. Nos últimos anos, no entanto, tem-se observado uma inserção cada vez maior, em quantidade e qualidade, do conceito de mediação na CI, exercendo forte interferência sobre os quadros teórico-conceituais da área, auxiliando, inclusive, numa reorientação de seu objeto de estudo.

Em texto no qual o objetivo principal é se lançar ao estudo do conceito de mediação, Signates (1998) afirma que este conceito deriva de duas vertentes filosóficas distintas, a saber, o idealismo e o marxismo. O idealismo pode ser apresentado tanto por um enfoque teológico, como por uma perspectiva apoiada na dialética hegeliana. Ao tratar sobre um idealismo de legado cristão, o autor afirma que a mediação pode ser percebida tanto através da ideia de que Jesus atuaria intercedendo na relação entre Deus e a humanidade, como, também, por meio da visão de que os santos, no caso específico da doutrina católica, seriam responsáveis por intervir, junto a Deus, pelos “pecadores”, atendendo suas preces.

Por seu turno, o idealismo hegeliano proporcionou um entendimento diferente da categoria mediação, permitindo-lhe adquirir um caráter dialético. Mediação, nesse sentido, pode ser entendida como aquilo que se constitui como processo e que se estabelece na tensão e na mudança (ALMEIDA; ARNONI; OLIVEIRA, 2006). Assim, a mediação se caracteriza como um movimento marcado pela negação, no qual é possível ao Ser retornar a si mesmo. Tal ideia se faz presente já no prefácio de uma das principais obras de Hegel, intitulada Fenomenologia do espírito, onde a mediação se define enquanto passagem, como inflexão sobre si: “[...]”

tomar-se Outro que deve ser retomado, e é uma mediação; mesmo que seja apenas passagem a outra proposição.” (HEGEL, 1992, p. 31). Desse modo, a mediação, no horizonte do idealismo hegeliano, diz respeito a um movimento que constitui a natureza do Ser e que o permite retornar a si mesmo de modo a produzir uma forma de conhecimento capaz de desnublar as contradições que integram o real.

Como dito anteriormente, a segunda vertente filosófica da qual deriva o conceito de mediação é a marxista. Ao dirigir críticas ao idealismo hegeliano, Marx ancora seu pensamento na superação da dicotomia entre sujeito e objeto, interioridade e exterioridade, homem e natureza. Para ele, a mediação pode ser adotada para se compreender o real através de suas próprias contradições, recorrendo, para isso, à categoria trabalho. Analisando o conceito de mediação com base nos escritos de Marx, afirma Martins (2014, p. 170) que “[...] é a partir da mediação pela atividade sensível, da atuação transformadora no mundo material, que o homem se exterioriza e produz o seu mundo”. A dialética marxista aborda a mediação enquanto categoria ontológica, portanto, como constituinte do Ser social, vinculada à noção de processo.

No âmbito da CI, mediação tem sido um termo bastante utilizado, revelando, inclusive, tendências contemporâneas de pesquisa na área. Em um levantamento realizado por Freire e Freire (2014) na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), levando em conta trabalhos publicados no período de 1972 a 2013, é assinalado que “o primeiro artigo indexado nessa temática foi publicado no n.2 do v.9 da Revista da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, em 1980, e tem como tema o papel da biblioteca pública na mediação cultural” (FREIRE; FREIRE, 2014, p. 178). O título do artigo é “Uma biblioteca verdadeiramente pública”, cuja autoria é de Victor Flusser; nele, aborda-se o conceito de mediação num viés dialético.

Embora a biblioteca possa ser percebida “[...] como um canal de transmissão de conhecimento e um aparato educativo-cultural, [que] traz em sua natureza intrínseca a função mediadora” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 150), com o passar dos anos, a temática da mediação tem se expandido, passando a inspirar outras questões para além do papel exercido pela biblioteca na sociedade. Atualmente, muitos são os campos de pesquisa na CI onde se busca aplicar o conceito de mediação, dotando-o de uma relevância cada vez maior. Um sinal dessa relevância é a diversidade de grupos de pesquisa existentes no Brasil relacionados à temática, a qual é destacada já em suas nomenclaturas.

Tomando como base o Diretório de Grupos de Pesquisa, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tem-se, hoje, os seguintes grupos no campo da Ciência da Informação, nos quais a palavra mediação consta diretamente em suas nomeações: Ciência da Informação: Cognição, Mediação e Construção do Conhecimento, liderado por Aida Varela (UFBA); Grupo de Estudos e Pesquisa em Mediação e Comunicação da Informação, liderado por Henriette Ferreira Gomes e Raquel do Rosário Santos (UFBA); Competência e Mediação em Ambientes de Informação, liderado por Maria Giovanna Guedes Farias e Gabriela Belmont de Farias (UFC); Cultura, Mediação e Gestão da Informação, liderado por Lidia Eugenia Cavalcante e Jefferson Veras Nunes (UFC); Mediação e Uso da Informação, liderado por Hamilton Vieira de Oliveira (UFPA); Núcleo de Estudos em Mediação, Apropriação e Gestão da Informação e do Conhecimento, liderado por Martha Suzana Cabral Nunes (UFS); e, Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa: Cultura, Mediação, Apresentação Gráfica, Editoração, Manifestações, liderado por Valeria Aparecida Bari e Glêyse Santos Santana (UFS).

Além desses, há, certamente, outros grupos preocupados com a temática, porém sem portar o termo mediação explicitado formalmente em suas denominações. A existência de uma significativa variedade de grupos e linhas de pesquisa voltados ao estudo da mediação revela uma inserção cada vez maior da temática no campo da CI brasileira, levando a observar, ainda, que, através das pesquisas realizadas em torno da temática, está a se constituir uma espécie de paradigma por meio do qual agregam-se pesquisadores interessados no tema, ampliando o foco e a complexidade do debate teórico-conceitual na área.

Com frequência, associa-se mediação à informação e à cultura, recorrendo ao uso do artigo genitivo “da”, o qual coopera para fortalecer a ideia de um “[...] nexos relacional ou derivacional entre estes dois elementos” (MARTINS, 2010, p. 17). Contudo, além do termo informação, tomando como base apenas a nomeação dos grupos de pesquisa registrados no CNPq, os quais foram elencados acima, a mediação também aparece envolta de temas como cognição, conhecimento, comunicação, competência, cultura, gestão da informação, leitura e outros. Isto demonstra a pluralidade de abordagens existentes em torno do próprio conceito de mediação, possibilitando com que este possa ser operacionalizável numa diversidade de investigações. Diversidade esta favorecida pela defesa de uma natureza interdisciplinar, ideia apontada numa significativa quantidade de pesquisas já realizadas na área, desde dissertações, teses, artigos em periódicos científicos ou anais de eventos.

3 CONVERGÊNCIAS TEÓRICO-CONCEITUAIS ENTRE A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E A MEDIAÇÃO CULTURAL

A mediação tem sido utilizada, no âmbito da CI, como ferramenta conceitual de suma importância para se compreender a relação entre profissional, indivíduos e acesso às fontes e recursos informacionais. Em sentido *lato*, uma definição possível para mediação diz respeito ao seu papel de intervenção, no qual destaca-se um terceiro elemento que age intermediando a relação entre, pelo menos, outras duas partes. Tal definição, contudo, aproxima-se de um contexto epistemológico behaviorista, no qual se admitiria que um estímulo inicial pudesse não só gerar respostas a eles, como aos elos que se seguem (DUBOIS, 1997, p. 405 apud SIGNATES, 1998, p. 38). Ainda no que diz respeito à utilização do termo mediação no campo da Ciência da Informação brasileira, percebe-se que ele alude a “[...] práticas, operações e processos que envolvem o fluxo, a transferência e a apropriação da informação, bem como a elaboração de conhecimento e a produção de sentidos pelos sujeitos, podendo estar apoiada no agente mediador especializado” (MARTINS, 2014, p. 172).

Conforme assinalam Varela, Barbosa e Farias (2014), citando um trabalho de Shera (1973), a mediação vem sendo abordada na área desde os anos 1970. No caso do texto em questão, a preocupação do autor residia em se enfatizar “[...] a necessidade de estudos que observassem o modo como o usuário aprende com a informação e que fatores são determinantes no uso desta” (VARELA; BARBOSA; FARIAS, 2014, p. 149). Assim, encontra-se em Shera, mesmo que de maneira ainda embrionária, uma perspectiva voltada não apenas para o uso de determinada informação pelos indivíduos, mas interessada também em investigar os processos cognitivos que as fontes e os recursos informacionais podem suscitar ao serem acessados e apropriados pelos usuários.

No texto de Victor Flusser (1980), para quem a preocupação se dirige à questão da mediação em bibliotecas públicas, “mediar compreenderia uma ação que tem em vista a síntese entre o contexto cultural e os acervos, considerando o processo social que culmina na distância entre o público e a biblioteca” (FLUSSER, 1980 apud MARTINS, 2014, p. 173). No referido artigo, observa-se a defesa de uma abordagem voltada à inclusão de uma parcela maior da população por parte da biblioteca pública, a qual o autor nomeia como “não-público”, ou seja, pessoas que ainda não são frequentadoras do espaço.

Por sua vez, Almeida Júnior (2009), em um artigo cujo título é “Mediação da informação e múltiplas linguagens”, defende um conceito próprio de mediação, ressaltando tratar-se de uma concepção voltada ao contexto profissional. Desse modo, dentre os objetivos elencados em seu texto, está o de investigar a mediação da informação a partir do “[...] fazer do profissional da informação e as implicações que sobre ela incidem o trabalho e o conhecimento de outras linguagens presentes nas várias mídias informacionais” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 90).

A principal justificativa do autor para tal empreendimento é que, até aquele momento, não se podia identificar com facilidade um conceito claro de mediação que pudesse ser adotado como pressuposto teórico para a realização de pesquisas no campo da CI. Isto porque havia uma tendência em se tomar o conceito de mediação como algo dado, sendo considerado autônomo o suficiente para passar por algum tipo de problematização, portanto, “intuitivamente assimilado, apreendido e compreendido” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 91), para além de explicitações teóricas substanciais que viessem a embasar o seu entendimento. Por outro lado, tal ausência constitui seu principal valor heurístico, ao proporcionar com que conceitos sejam engendrados partindo-se do vazio teórico em torno deles. Em outras palavras, decorre daí uma profícua oportunidade de se estabelecer distintas abordagens para a temática.

Almeida Júnior (2009) acredita que é de grande importância não apenas uma melhor caracterização do termo, como, também, a partir daí, apontar em que medida as atividades desempenhadas pelo profissional da informação estão intimamente ligadas à prática da mediação. Prática esta que, embora se constitua como uma intervenção entre duas ou mais partes, de modo algum pode se caracterizar enquanto neutra ou imparcial, mas, pelo contrário, diz respeito a uma ação de interferência, vinculada, portanto, a variados contextos, tais como o histórico, o social, o político, o econômico e o cultural, dentre outros.

A ideia de mediação envolve múltiplos fazeres, que englobam desde as atividades dos serviços de referência, passando pelas ações culturais que podem ser desenvolvidas por um profissional em instituições como museus, bibliotecas e centros culturais, chegando à elaboração de políticas de acesso, uso e compartilhamento da informação relacionadas às tecnologias digitais, por exemplo. Em decorrência disso, uma definição de mediação que seja consensual constitui-se como um empreendimento difícil de ser realizável. Neste texto, no entanto, o termo mediação é percebido como um conceito plural, “plástico”, que tem suas

fronteiras disciplinares dilatadas para dar conta de diferentes realidades (ALMEIDA, 2008; DAVALLON, 2007).

É possível encontrar na literatura produzida no campo da CI uma significativa variedade de textos e autores que confirmam o conceito de mediação da informação criado e defendido por Almeida Júnior (2009), entendendo-o como um conceito profícuo que pode ser aplicado a espaços profissionais nos quais a informação constitui a principal matéria-prima, seja de forma direta ou indireta.

Assim, outra autora que aborda a mediação nessa perspectiva é Ortega (2015), para quem “a mediação da informação implica intervenção, ação propositiva, intencionalidade, cujo objetivo é a apropriação da informação” (ORTEGA, 2015, *online*). Para ela, é possível falar numa espécie de “mediação documentária”, termo proposto para reforçar que, embora se trate, muitas vezes, de um processo direto, sendo empreendido, por exemplo, por meio do atendimento ao público, a mediação, tomada enquanto prática, também pode oferecer importantes contribuições ao se analisar como se dão ações documentárias indiretas, relacionadas à identificação, seleção, produção de registros, ordenação, preservação, serviços de difusão e exposição.

Desse modo, a mediação pressupõe um processo dialógico no qual podem atuar direta ou indiretamente não só o mediador (seja ele um indivíduo, uma instituição, as ações desenvolvidas, os produtos gerados ou mesmo dispositivos tecnológicos aplicados), como também contextos históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais na estruturação de sentidos e esquemas de significações. Por seu turno, no caso da mediação da informação, ressalta-se a sua importância enquanto ferramenta teórica-conceitual no deslindamento da complexa relação entre profissional, indivíduos e acesso às fontes e recursos informacionais, entendendo a sua prática como uma ação de interferência, logo, distante de qualquer pretensão tentativa de imparcialidade por parte de quem medeia ou se coloca entre algo envolvendo dois ou mais entes.

Uma segunda abordagem comumente relacionada ao termo mediação refere-se à mediação cultural, a qual vem conquistando destaque em áreas voltadas tanto ao estudo da informação e da comunicação, como também da cultura. Assim, uma crítica realizada por Feitosa (2016) à expressão mediação da informação diz respeito à necessidade de maior aprofundamento epistemológico do termo, evitando-se sucumbir ao risco que é a sua

delimitação única e exclusivamente à informação ou à comunicação, “[...] como se mediação não fosse ela mesma um fenômeno gregário da cultura” (FEITOSA, 2016, p. 103).

De modo semelhante à mediação da informação, a mediação cultural configura-se como um campo amplo, no qual se inserem instituições como bibliotecas, museus e teatros, além de uma rica variedade de espaços que venham a fomentar ações no âmbito da cultura, visando proporcionar uma aproximação dos públicos com obras de arte, livros, peças teatrais, exposições, espetáculos e demais atividades reconhecidas como sendo de caráter cultural. No entanto, cabe assinalar que, apesar de, por vezes, confundir-se com ações voltadas à difusão, ação e animação cultural por compartilhar com elas um mesmo território semântico, a noção de mediação cultural, segundo escreve Perroti (2016, p. 09), “[...] delas se distingue, ao remeter para um *locus*, constituindo-se como categoria topológica, interposta entre as esferas da produção e da recepção dos signos”.

Ainda de acordo com Perroti (2016), sob um viés epistemológico, a noção de mediação cultural ganha destaque em meio a um esvaziamento da concepção de difusão cultural, justamente por esta se assentar na ideia de transmissão, a qual tem sido erroneamente tomada como um valor em si mesma. Para o autor, a concepção de difusão cultural é limitante por estar associada a uma espécie de “[...] difusionismo ou transmissivismo inoperante, ao deixar de considerar – ou considerando só residualmente – demandas específicas e complexas dos processos de recepção e apropriação dos signos” (PERROTI, 2016, p. 11). Desse modo, Perroti argumenta que não basta disponibilizar informações e bens culturais para que todos tenham acesso a eles, mas oferecer condições de apropriação e recepção, favorecendo “processos de apropriação simbólica”.

Seguindo uma linha semelhante àquela desenvolvida por Almeida Júnior, contudo, referindo-se à cultura, Coelho Netto (1997, p. 248) salienta que mediação pode ser entendida como a realização de “processos de diferente natureza cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte” oferecendo aos indivíduos a oportunidade de uma melhor compreensão do mundo. O autor entende como mediação todos os processos pelos quais os sujeitos podem, de alguma maneira, aproximarem-se de artefatos culturais ou artísticos, incluindo a sua interpretação. Portanto, não se trata somente de tornar uma realidade cultural próxima a de determinado público, mas, antes, suscitar, por meio dela, a construção de sentidos, viabilizando, além do acesso a artefatos culturais, formas diversificadas de apropriação cultural.

Nesse sentido, Davallon apresenta alguns pontos de contato com as reflexões de Coelho Netto (1997), quando destaca o processo de mediação relacionado à aproximação, ao acesso do indivíduo ou de coletividade às obras artísticas e culturais, com o objetivo de viabilizar a construção de uma relação com a arte, recorrendo a produtos destinados a apresentar ou a contextualizar a arte para o público.

Tais apontamentos vêm ao encontro do que assevera Perroti (2016), ao reforçar o entendimento da mediação cultural como conformadora de “núcleos produtores de sentido”, através de processos, linguagens e dispositivos tecnológicos. Como exemplo disso, o autor cita o caso de um museu de arte, que não deve ser definido somente como um local de “intermediação estética”, justamente porque “[...] suas exposições, a seleção de suas coleções, sua programação, seus processos gerais atuam na cultura construindo significados decorrentes do ato de mediação e não apenas dos produtos que veiculam” (PERROTI, 2016, p. 10).

Ainda acerca da mediação cultural, porém focando no contexto artístico e cultural, Rasse (2000) assinala que a definição do termo mediação flutua entre o saber teórico e o prático. Assim, cabe alargar a ideia de profissional mediador e entender como tal não apenas o bibliotecário, o arquivista ou museólogo, mas também o próprio artista ou o curador de uma exposição, por exemplo. Assim, nesta concepção de mediação formulada por Rasse, a mediação tem o papel de absorver a tensão entre o individual e o coletivo, diminuindo a distância entre a obra de arte e o público de modo geral.

A mediação pode ser compreendida como resultado de um processo no qual informação, produtor, audiência e dispositivos tecnológicos estão em constante interação, possibilitando uma complexa negociação de significados. A circulação de significados é mais do que um mero fluxo em dois estágios, não estando restrito à transmissão e à recepção de informações, ao contrário, age abrangendo tanto os textos como os usos e apropriações que os indivíduos fazem de tais textos em diferentes contextos. A apropriação pode se dar já no processo de mediação, efetivando-se no instante em que um produto ou bem cultural, seja uma obra de arte, um livro, uma peça teatral ou a apresentação de um espetáculo *etc.*, é capaz de modificar o comportamento ou as práticas sociais de um indivíduo.

Nesse sentido, é possível observar pontos de convergência entre as abordagens apresentadas até aqui sobre a definição do termo mediação, seja ela da informação ou cultural. Tanto para Almeida Júnior, como para Coelho Netto, Davallon, Rasse e demais

autores consultados, a mediação é caracterizada como um processo que depende do contexto histórico, social, político, econômico e cultural dos atores envolvidos. O leitor comum ou usuário da informação – o chamado “homem ordinário” –, bem como o profissional que atua em ambientes de informação, negociam entre si sentidos sobre os conteúdos gerados, recepcionados e disseminados. Portanto, atuam no processo de significação resultante da relação entre indivíduos, cultura e bens simbólicos, uma vez que o significado de algo nunca está dado, mas, ao contrário, necessita ser construído e tão logo seja possível reexaminado.

Dessa maneira, a noção de mediação cultural, identificada a partir dos autores abordados neste texto, está relacionada à forma com a qual os sentidos são postos em movimento, sendo constantemente reelaborados pelos próprios indivíduos ao se apropriarem de signos e linguagens. Assim, a mediação cultural pode ser definida como uma categoria autônoma de fundação e de protagonização (PERROTI, 2016), destinando-se mais à apropriação do que à mera recepção de bens simbólicos e culturais.

4 POR UMA *EPISTÉME* MEDIACIONAL NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: O PAPEL DO INDIVÍDUO E DA CULTURA NO ESTUDO DA INFORMAÇÃO

Epistéme, conforme foi abordado inicialmente, refere-se a um conceito que diz respeito às formações discursivas sobre determinado objeto no escopo de dada área científica. *Grosso modo*, alude a uma forma possível de se abordar a história de um campo científico, sem o objetivo, contudo, de se reconstituir por completo todo o seu sistema de postulados, teorias e paradigmas. Assim, por meio da ideia de *epistéme* é possível apontar algumas das principais características de uma área, bem como tensões e disputas que definem, em momentos históricos específicos, sua formação discursiva.

Dito isso, pode-se perceber que o estudo da mediação ancora-se numa abordagem sociocultural e contribui para um amplo aquiescimento da ideia de que a Ciência da Informação se constitui como uma ciência social. Tal empreendimento, no entanto, não é novo, uma vez que vários autores já caracterizam a Ciência da Informação como ciência social, dentre os quais, vale citar Araújo (2003), ao defender a importância de se discutir a dimensão social dos fenômenos informacionais, inclusive, naquelas linhas ou grupos de pesquisa em que a informação é estudada sob prismas tecnológicos, organizacionais ou ligados à representação, por exemplo.

O esforço de situar a Ciência da Informação no panorama das Ciências Sociais corresponde a um movimento recorrente, que almeja, de certo modo, assinalar uma maturidade para a área. Maturidade esta apresentada por meio da composição de paradigmas próprios que têm como finalidade orientar as pesquisas desenvolvidas em seu interior. Além de recorrente, também se trata de um movimento espiralado, que busca ir além sobre a questão, revisitando temas já conhecidos com o objetivo de aplicar-lhes novos olhares.

Nesse sentido, outro autor que já se lançou nesse empreendimento de caracterização da Ciência da Informação como ciência social foi Cibangu (2010), cujo texto recebeu uma versão em português, na qual Nascimento, Santos e Freire (2013) realizam uma análise acerca das ideias e conceitos mais relevantes apresentados pelo pesquisador em seu artigo em língua original. Para abordar a Ciência da Informação como ciência social, Cibangu se debruça sobre os paradigmas epistemológicos da área, dividindo-os em três, a saber: engenharia ou disciplina técnica, disciplina humana ou cognitiva e disciplina ciência social.

Conforme aponta Cibangu (2010), tal esforço se faz necessário para que pesquisadores da área de CI possam caracterizar suas pesquisas, situando-as a partir de seus próprios lugares de fala. No entanto, no que diz respeito ao terceiro aspecto identificado por Cibangu acerca da *epistémé* da Ciência da Informação, tem-se como sendo o seu principal objetivo “[...] apresentar o mundo social e a realidade dos sujeitos e fenômenos sociais em sua essência, e dessa maneira, tal como esses elementos são, devem ser estudados e compreendidos [...]” (NASCIMENTO; SANTOS; FREIRE, 2013, p. 193).

González de Gómez também já ofereceu importantes contribuições à caracterização da Ciência da Informação como ciência social. De acordo com a autora, situar a CI no escopo e abrangência das Ciências Sociais trata-se de “[...] uma escolha epistemológica, mas resultante do reconhecimento de condicionantes históricos e contextuais, que nos tem levado a pensar acerca da informação a partir dos usos sociais da linguagem” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012, p. 18). Neste mesmo texto, González de Gómez argumenta que a informação, assim como o documento, constitui-se numa forma de linguagem, e, por esse motivo, compreende-a enquanto elemento mediador da interação entre os indivíduos e entre estes e o mundo.

Ao aproximar os conceitos de informação e linguagem, González de Gómez (2012) assinala a inserção daquela nos domínios da hermenêutica, associando-a à interpretação. Assim, define informação não como um objeto isolado, pragmático, mas contextual, que se concebe a partir dos sentidos que são facultados aos indivíduos engendramos por meio de sua

apropriação. Desse modo, González de Gómez (2012) argumenta em favor de um “conceito qualitativo de informação”, evocando, ainda, a Teoria da Ação Comunicativa habermasiana, a qual foi formulada sob uma perspectiva sócio-interacionista. Seguindo uma direção semelhante, Frohmann (2008) assinala que a Ciência da Informação se caracteriza como uma prática social e, por esse motivo, ao se debruçar sobre a relação entre usuário e informação, o autor reforça que a área deve considerar as experiências, condições de trabalho e grupos sociais dos quais o indivíduo participa.

A ideia de uma *epistème* mediacional, assim como a construção de um discurso que situe as bases teórico-conceituais da CI no terreno das Ciências Sociais permite com que se incorpore a noção de sentido ao conceito de informação, viabilizando um maior afastamento de perspectivas construídas em torno da noção de realidade objetiva, as quais caracterizam fortemente a área em seu surgimento (ARAÚJO, 2003) – em especial, no que diz respeito às análises estatísticas-matemáticas e fisicistas que delimitaram inicialmente o escopo do seu objeto de estudo.

A Ciência da Informação não nasce, portanto, como uma ciência social; ela tem se constituído enquanto tal ao longo dos anos, através de inúmeros esforços de pesquisas empreendidos que trazem ao debate dos problemas informacionais, questões relacionadas ao indivíduo e à sociedade. Inicialmente ligada à Ciência da Computação e à recuperação da informação, é somente a partir dos anos 1970 que a área começa a promover uma inserção factual no terreno das Ciências Sociais, associando-se, no entanto, aos modelos positivista e funcionalista. Segundo Araújo (2003, p. 24), “a ciência da informação encontrou, exatamente naquele conjunto de Ciências Sociais também próximas às Ciências Exatas, maior identidade de propostas e métodos”.

Em decorrência disso, não causa estranhamento o fato da reivindicação de uma CI cada vez mais inserida no espaço das Ciências Sociais ser um discurso de certa forma regular, uma vez que, depois de tal integração, foi preciso ir ainda além, permitindo-lhe distanciar-se ainda mais das ciências exatas. Assim, esse discurso recidivante tem como característica principal proporcionar com que se erijam outras abordagens que venham possibilitar à Ciência da Informação transpassar os modelos positivista e funcionalista que começaram a influenciá-la a partir dos anos 1970.

As perspectivas teórico-conceituais desencadeadas por uma abordagem mediacional não apenas auxiliam na constituição da CI enquanto ciência social, como estimulam o debate

em torno do papel ativo do indivíduo no processo de apropriação da informação ou de bens da cultura. Nesse sentido, atualizam os vínculos entre a Ciência da Informação e as Ciências Sociais promovendo a realização de um número cada vez maior de investigações voltadas para os chamados “sujeitos informacionais” (ARAÚJO, 2013) e suas práticas culturais. Tais pesquisas contam com aportes teórico-conceituais diversos, alicerçados, especialmente, na fenomenologia, na etnometodologia, na antropologia cultural, no construtivismo e no interacionismo simbólico, dentre outros. Por meio desses aportes defende-se, “de um lado, [...] que o uso da informação é resultado de uma aplicação, por parte dos sujeitos, de significados dados coletivamente; por outro lado, a constatação de que esse conjunto de referências sociais é construído justamente pelos sujeitos, no decurso de suas ações” (ARAÚJO, 2013, *online*).

Os termos *mediação da informação* e *mediação cultural* auxiliam na compreensão da informação enquanto “fenômeno, diversificado, complexo e penetrante” (ILHARCO, 2003, p. 33), permitindo interpretar os modos como os significados são agenciados pelos indivíduos. Trata-se, portanto, de um processo através do qual a informação se desvincula de sua forma física para adquirir novos contornos, dentre os quais, importa destacar seus elementos simbólicos. Questões dicotômicas, cartesianas, envolvendo o macro e o micro, a técnica e o social, polo emissor e polo receptor e várias outras esvaziam-se, dado o “caráter multi” (multifacetado, multidimensional e multirreferenciado, por exemplo) que a mediação adquire ao se constituir como resultante da interação não somente entre indivíduo e informação, mas, também, entre estes e as diferentes esferas da vida em sociedade.

Desse modo, a mediação não deve ser abordada como um objeto isolado, ao contrário, corresponde a algo que tanto se alimenta, como subsidia uma cadeia de processos individuais e coletivos. Isto porque, conforme é assinalado por Signates (1998, p. 44), as fontes de mediação são várias, podendo-se citar: “cultura, política, economia, classe social, gênero, idade, etnicidade, os meios, as condições situacionais e contextuais, as instituições e os movimentos sociais. Também se origina na mente do sujeito, em suas emoções e suas experiências”. Cada uma dessas esferas pode atuar enquanto fonte de mediações, como, ainda, mediar outras fontes, num movimento de convergência e “re-mediação” constante, ou seja, onde diferentes esferas e fontes de mediação se tocam e se afetam mutuamente.

Na esteira do que assinala Feitosa (2016), acredita-se aqui que a mediação deve ser tomada a partir de todo o seu potencial heurístico, o que implica em abordá-la enquanto

fenômeno ligado “[...] às diversidades culturais, aos diferentes contextos de produção, difusão, circulação e recepção de informações [...]” (FEITOSA, 2016, p. 101); desse modo, cabe estudá-la num sentido menos pragmático e objetivo, com a finalidade de se poder contemplar elementos ligados às subjetividades, práticas e ações de informação empreendidas pelos indivíduos a partir dos mais variados espaços socioculturais pelos quais transitam.

Em razão disso, não se trata necessariamente de se adotar uma definição que seja consensual para a palavra mediação, no âmbito da Ciência da Informação, visto tratar-se de uma perspectiva que pode ser direcionada aos mais variados fenômenos informacionais, desde que ressaltadas as suas interfaces complexas e plurais, as quais são responsáveis por uma abordagem ampla dos fenômenos informacionais. Fenômenos esses tratados não como matéria-prima que possa ser mensurada, medida e pesada, mas a partir das “produções culturais, mediadoras e interacionistas que promovem, provocam e possibilitam [...]” (FEITOSA, 2016, p. 101).

Destarte, mais do que travar uma disputa em torno de algum consenso para mediação, acredita-se ser mais profícuo explorar o potencial heurístico do termo. Com isso, pode a Ciência da Informação, ao exacerbar uma *epistème* mediacional em seus quadros teórico-conceituais, direcionar a atenção não apenas ao que está aparente através das ditas “[...] 'culturas de uso' da informação, mas focar nas transformações que esta é capaz de proporcionar ao mundo e à cultura, mais do que apenas ao receptor imediato da informação ou da mediação informacional obtida.” (FEITOSA, 2016, p. 101). Isto permite, através da noção de mediação, dar destaque aos processos socioculturais que se efetivam para além dos suportes, possibilitando o rompimento com a lógica linear que a tem definido, de modo pragmático, enquanto ação, empreendida por um profissional e dirigida a um indivíduo ou coletividade, na qual o propósito principal é satisfazer demandas, sejam elas informacionais ou de bens culturais.

A ideia de uma *epistème* mediacional alude, desse modo, aos múltiplos entrecruzamentos que se consomem como consequência da relação entre informação, indivíduo e cultura, dentre outras camadas do tecido social, acarretando transformações importantes na própria constituição epistemológica da Ciência da Informação. O desafio de se abordar a mediação numa perspectiva sociocultural reforça a necessidade do estabelecimento de relações interdisciplinares cada vez mais sólidas entre a CI e as Ciências

Sociais, proporcionando o estudo não somente de diferentes facetas do fenômeno informacional, como, também, de seus reflexos no mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo objetivou-se abordar o conceito de mediação no âmbito da Ciência da Informação brasileira – através da ideia de uma *epistème* mediacional –, especialmente porque tal conceito tem conquistado relevância nos quadros teórico-conceituais da área. Relevância percebida também pela diversidade de grupos de pesquisa existentes no país relacionados à temática, fato que reforça a hipótese de que o conceito de mediação tem contribuído para uma reorientação do objeto de estudo da Ciência da Informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2009).

Está a se constituir uma espécie de paradigma por meio do qual agregam-se pesquisadores interessados no tema mediação, ampliando o foco e a complexidade do debate teórico e conceitual no campo da CI. A mediação oferece importantes contribuições para o entendimento de fenômenos informacionais, podendo ser adotada, inclusive, como aporte para perspectivas centradas em estudar aspectos tecnológicos, organizacionais ou relacionados à representação da informação.

Mesmo não havendo um conceito de mediação que seja consensual (isto poderia ser prejudicial à área por limitar o enfoque), pode-se observar que as abordagens em torno da temática vinculam-se mais à apropriação e à mudança do que à recepção ou mero consumo de informações e bens culturais. Nesse sentido, mediação implica num processo dialógico no qual estão enredados, de modo direto ou indireto, diferentes agentes e esferas, compostas por informação, indivíduos, grupos sociais, instituições, artefatos técnicos e contextos históricos, políticos, econômicos e culturais – responsáveis pela estruturação de sentidos e esquemas de significações que dão alicerce ao processo de mediação.

Assim, ao se caracterizar como processo dialógico, composto por diversos agentes e esferas, a mediação possibilita à Ciência da Informação inserção efetiva no território das Ciências Sociais, sobretudo, por permitir a construção de um olhar preocupado em compreender a informação enquanto “fenômeno gregário” (FEITOSA, 2016), sem existência exterior, fora da sociedade e da cultura na qual ela é gerada, recepcionada e disseminada.

A partir do presente artigo, pôde-se perceber, portanto, que as perspectivas teórico-conceituais desencadeadas pela mediação não somente auxiliam na constituição da natureza

interdisciplinar da Ciência da Informação, como também instigam um olhar voltado para o estudo do papel ativo do indivíduo no processo de apropriação da informação ou de bens simbólicos. Desse modo, distanciando-se de uma concepção objetiva e linear focada apenas no uso, através da mediação a atenção pode vir a ser dirigida às transformações que a informação é capaz de acarretar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. L. V. de; ARNONI, M. E. B.; OLIVEIRA, E. M. de. Mediação pedagógica: dos limites da lógica formal à necessidade da lógica dialética no processo ensino-aprendizagem. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., Caxambu, 2006. **Anais...** Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2006.

ALMEIDA, M. A. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 1-24, 2008.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-03, jan./dez. 2009.

ARAÚJO, C. A. A. A ciência da informação como uma ciência social. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 3, p. 21-27, 2003.

_____. O sujeito informacional no cruzamento da ciência da informação com as ciências humanas e sociais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., Santa Catarina. 2013. **Anais...** Santa Catarina: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2013.

CIBANGU, Sylvain K. Information science as a social science. **Information research**, [S.l.], v. 15, n. 3, 2010.

COELHO NETTO, J. T.. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma – Revista de Ciência da Informação e da Comunicação**, n. 4, p. 03-36, jun. 2007.

FEITOSA, L. T. Complexas mediações: transdisciplinaridade e incertezas nas recepções informacionais. **Informação em pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, jan./jun., 2016.

FOUCAULT, M.. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1999.

FLUSSER, V.. Uma biblioteca verdadeiramente pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 131-138, set. 1980.

FREIRE, I. M.; FREIRE, G. H. De A. Mediação na Ciência da Informação. [Editorial]. **Ciência da Informação**, v. 43, n. 2, p. 171-319, maio/ago. 2014.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M.; MARTELETO, R.; LARA, M. (Orgs). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.. As ciências sociais e as questões da informação. **Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, ano 9, n. 14, p. 18-37, 2012.

HEGEL, G. W. F. **A fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 1992.

ILHARCO, Fernando. **Filosofia da informação**: uma introdução à informação como fundação da acção, da comunicação e da decisão. Lisboa: Universidade Católica, 2003.

MACHADO, R. **Ciência e saber. A trajetória da arqueologia de Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MARTINS, A. A. L.. **Mediação**: reflexões no campo da Ciência da Informação. 2010. 255f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2010.

_____. Mediação e bibliotecas públicas: uma perspectiva dialética. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. spe, p. 164-185, dez. 2014.

NASCIMENTO, D. S.; SANTOS, R. R. R.; FREIRE, G. H. A. J. Ciência da informação como ciência social. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 23, n. 1, 2013.

ORTEGA, C. D.. Mediação da informação: do objeto ao documento. In: ENCUESTRO DE LA ASOCIACIÓN DE EDUCACIÓN E INVESTIGACIÓN EM CIENCIA DE LA INFORMACIÓN DE IBEROAMÉRICA Y EL CARIBE, 8., Madrid. 2015. **Anais...** Madrid: Asociación de Educación e Investigación em Ciencia de la Información de Iberoamérica y el Caribe, 2015.

PERROTTI, E. Mediação cultural: além dos procedimentos. In: SALCEDO, D. A. (Org). **Mediação cultural**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

PINTO, J. M. de R.. A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar. **Paidéia**, Ribeirão Preto, n. 8-9, p. 77-96, ago. 1995.

RASSE, P. La médiation, entre idéal theorique et application pratique. *Recherche en Communication*, v. 13, s/n., p. 61-75, 2000.

RODRIGUES, B. C.; CRIPPA, G.. A recuperação da informação e o conceito de informação: o que é relevante em mediação cultural?. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, n. 1, p. 45-64, jan./mar. 2011.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. **Novos Olhares**: Revista de Estudos sobre Práticas de Recepção a Produtos Midiáticos – ECA/USP, São Paulo, n. 2, jul./dez. 1998.

VARELA, A.; BARBOSA, M. L. A.; FARIAS, M. G. G.. Mediação em múltiplas abordagens. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 138 - 170, maio./ago. 2014.